

ISSN 1851-3719



ITINERARIOS

ANUARIO DEL CEEMI

Año 3 / Número 3 / 2009

ITINERARIOS ANUARIO DEL CEEMI Año 3 / Número 3 / 2009

CENTRO DE ESTUDIOS "ESPACIO, MEMORIA e IDENTIDAD"

Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales

Facultad de Humanidades y Artes

UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSARIO


UNR
EDITORIA


UNR
EDITORIA
COLECCIÓN

ITINERARIOS

ANUARIO DEL CEEMI

Año 3 / Número 3 / 2009

ISSN 1851-3719

ITINERARIOS

ANUARIO DEL CEEMI

Año 3 / Número 3 / 2009

CENTRO DE ESTUDIOS "ESPACIO, MEMORIA e IDENTIDAD"

Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales

Facultad de Humanidades y Artes

UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSARIO

UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSARIO

Autoridades
CENTRO DE ESTUDIOS "ESPACIO, MEMORIA E IDENTIDAD"

Coordinación general: Claudia Gotta
Coordinación de Investigación: María Luisa Múgica
Coordinación de Posgrado: Marisa Germain
Coordinación de Extensión: Analía Manavella
Coordinación de Publicaciones: Beatriz Dávila

ANUARIO DEL CEEMI

Consejo Directivo

Beatriz Dávila
Marisa Germain
Claudia Gotta
Analía Manavella
María Luisa Múgica

Comité Académico

Antonio Annino (*Universidad de Florencia*)
Arturo Fernández (*Universidad Nacional de General San Martín*)
Dora Barrancos (*Universidad de Buenos Aires*)
Hugo Quiroga (*Universidad Nacional de Rosario*)
Hugo Vezzetti (*Universidad Nacional de Buenos Aires*)
Juan B. Ritvo (*Universidad Nacional de Rosario*)
Lilia Ana Bertoni (*Universidad de Buenos Aires*)
Luis Alberto Romero (*Universidad de Buenos Aires*)
Manuel Cruz (*Universidad de Barcelona*)
Marcela Ternavasio (*Universidad Nacional de Rosario*)
Noemí Goldman (*Universidad de Buenos Aires*)

PRESENTACIÓN

Como todo emprendimiento editorial académico autogestionado, *Itinerarios* se ha visto marcado por las dificultades que surgen cuando es necesario suplir el déficit de recursos económicos con recursos humanos movilizadados a pura voluntad y esfuerzo. No obstante, seguimos empeñados en hacer de esta publicación un espacio plural para el debate de ideas, nutrido de las valiosas contribuciones de investigadores de universidades nacionales y extranjeras. Agradecemos a todos los que acompañan este esfuerzo: en principio, a quienes forman parte de los ámbitos de pertenencia institucional del Centro de Estudios «Espacio, Memoria e Identidad», las Facultades de Ciencia Política y Relaciones Internacionales y de Humanidades y Artes de la Universidad Nacional de Rosario; a la Asociación Cooperadora «José Pedroni» de esta última casa de estudios, cuya colaboración merece nuestro más sincero reconocimiento; y, por supuesto, a los autores de los artículos que integran este número.

CONSEJO DIRECTIVO

Los conceptos que se expresan en esta publicación son de exclusiva responsabilidad de los autores y no involucran necesariamente el pensamiento del comité. Itinerarios del CEEMI es la producción del Centro de Estudios «Espacio, Memoria e Identidad» de la Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales y de la Facultad de Humanidades y Artes. Universidad Nacional de Rosario. Publicación periódica anual. Edición de 300 ejemplares. Redacción y Administración CEEMI Riobamba 250 bis - 2000 - Rosario. Propietaria de la publicación Beatriz Davilo (CEEMI - UNR) info@ceemi-unr.edu.ar

ISSN 1851-3719



IMPRESO EN LA ARGENTINA - PRINTED IN ARGENTINA
 UNR EDITORA - EDITORIAL DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSARIO
 SECRETARIA DE EXTENSION UNIVERSITARIA

menciones de control y disciplinamiento social en favor de una visión que se concentra en las relaciones y conflictos sociales.

Palabras clave: prostitución - policía - Río de Janeiro

SUMMARY

Contrary to what happened in Buenos Aires and Rosario, in Rio de Janeiro city, the practice of prostitution was never under regulations issued by local authorities. This situation stimulated a complex process, accelerated at the beginning of the republican régime (1889), whose most distinctive trait was the arbitrary power of the police to socially and spatially isolate a certain number of prostitution houses. This article details the initiatives undertaken by the police, which were doomed to relative failure, since the women expelled from their houses, relocated and pursued by the police kept forging strong and long-standing links with their neighbours and offering sociability places to the young workers of the city. In this sense, this article follows the recent theoretical trend that has revised the traditional historiography that focused on social control and disciplinary dimensions, suggesting, instead, a perspective paying special attention to social conflicts and relationships.

Keywords: prostitution - police - Rio de Janeiro

OS SENTIDOS DA PROSTITUIÇÃO NA MODERNIDADE BRASILEIRA

Margareth Rago

Departamento de Historia, Universidad de Campinas (UNICAMP)

I. Desestigmatizar a prostituição

Numa das entrevistas que realicei com a fundadora e coordenadora da *Ong DaVida*, que luta pelos direitos civis das prostitutas e pela legalização da prostituição, no Brasil, desde os inícios dos anos noventa, Gabriela Leite Silva afirmou:

A prostituição é importante porque está dentro de toda a estrutura da sexualidade, a gente faz parte de toda a história do que é a sexualidade; para a nossa sociedade, existe uma mulher que transa as fantasias sexuais, nós somos especialistas em fantasias sexuais... Eu nunca gostei dessa história de que prostituta vende o corpo. (...) A prostituta está aí para liberar o desejo. Podia ser uma coisa mais bonita, poderia ser uma brincadeira, uma outra história. Não precisava ser essa coisa pesada, escura, estigmatizada, não precisava ser isso, carregada de culpa, essa coisa que eu já ouvi de «cesta básica»... (Entrevista realizada pela autora em 25 de fevereiro de 2006).

Com essas palavras polêmicas, essa militante, hoje com 58 anos de idade, busca repensar esse universo e todos as dimensões que envolve um fenômeno tão difícil de ser abordado. Conhecendo de dentro esse mundo socialmente marginalizado e hostilizado, ao mesmo tempo desejado e frequentado, Gabriela, ex-prostituta, atenta para questões pouco discutidas quando o tema é a prostituição, deslocando o olhar do sexo estrito:

Alguns nem vão lá para transar, vão para se divertir, para tomar uma cerveja, conversar com as meninas e perguntar para elas porque «mi-

nhá mulher não está querendo transar comigo». Muitas vezes o homem vai lá pedir conselho porque ele não conversa com a mulher dele, é por isso que eu digo que nós não fizemos nenhuma revolução nessa coisa, nessas relações de pessoa para pessoa, homem com mulher, nessas relações de amor, que são todas muito complicadas, amar uma mulher, segundo os homens é respeitá-las, não fazer certas coisas com ela, ainda é assim, ela é uma pessoa sagrada, ela é a mãe dos meus filhos. Então a gente ainda tem na sociedade, e ainda vai ter por muito tempo, essa divisão da santa e das outras...a prostituição é um espaço, um espaço de desejo. (Entrevista realizada pela autora em 25 de fevereiro de 2006).

Há alguns dias, o jornal Folha de São Paulo publicou sua foto com destaque, anunciando que Gabriela, dona da DASPU –grife de moda que a Ong Da Vida criou em 2005–, deverá lançar, em breve, seu novo livro: *Filha, Mãe, Avó e Puta* (Editora Objetiva), dando continuidade ao anterior, *Eu, Mulher da Vida* (Rosa dos Tempos, 1992)¹. A notícia causa um certo impacto e, ao mesmo tempo, provoca risos, já que também faz poucos dias que o mesmo jornal anunciou a prisão da proprietária da riquíssima grife DASLU, por corrupção e sonegação de impostos. Mais uma vez, por um jogo estratégico bem humorado, as prostitutas ganham a cena no país, como aquelas que honestamente conquistam também as passarelas, desfilando para essa grife que já se tornou famosa e que visa angariar fundos para o movimento das «profissionais do sexo».

Para as estudiosas da prostituição, não há como ficar indiferente ao fenômeno que se observa na sociedade brasileira, autoritária e conservadora, como muitas outras, mas também mais aberta e permissiva: a prostituição vem sendo ressignificada, enquanto as prostitutas ocupam cada vez maior espaço na mídia, como mulheres que transgridem e desafiam os códigos sociais normativos. Educadoras sexuais, modelos, militantes políticas, são várias as atividades e possibilidades subjetivas que o movimento das prostitutas abre para elas, tendo em vista a luta pelos direitos de cidadania.

Tendo a dizer que estamos presenciando um movimento de desestigmatização das prostitutas, uma mudança na sensibilidade no que tange à relação com as prostitutas, o que não implica necessariamente a aprovação da prostituição, entendida aqui como a venda sexual voluntária do corpo feminino. Em outras palavras, à medida em

1. «Senhora DASPU», Folha de São Paulo, 1º de abril de 2009.

que esse universo se torna menos misterioso e mais conhecido e em que se desconstroem os preconceitos sexuais ancorados em imagens e noções construídas pelos saberes médicos e jurídicos do século XIX, já bastante criticados, reconhece-se cada vez mais que as prostitutas, assim como outros setores marginais da sociedade, devem ter os seus direitos civis garantidos. Ao lado de homossexuais, loucos, presos e menores carentes, elas figuravam até recentemente entre as vítimas de espancamentos ou da violência sexual, inclusive pela polícia, sem qualquer penalização dos agressores. A luta pelos direitos humanos que cresce com a redemocratização no país, assim como o movimento feminista promovem, sem dúvida, um amplo questionamento das antigas formas de exclusão e punição, levando, no caso da prostituição, ao surgimento do movimento autônomo das «trabalhadoras do sexo» e à luta pela legalização da profissão, tal como ocorre em outros países.

O debate é intenso e estende-se por todo o mundo, polarizando posições e suscitando muitas angústias e intolerâncias. Para uns, a prostituição, encarada como uma forma exacerbada de violência nas relações de gênero, fruto da sociedade patriarcal, deve ser rigorosamente combatida, em especial, quando se têm notícias alarmantes sobre o crescimento da exploração sexual infantil; para outros, ao contrário, a prostituição deve ser legalizada e considerada uma profissão como outra qualquer, desde que não envolva a violência sobre outrem, como no caso do estupro ou de outras formas de assédio sexual, ou a exploração infantil. De um lado, predominam discursos tradicionais que satanizam a prostituição como ameaça de perversão moral e de desagregação social, e que, ao fazerem da prostituta um monstro, justificam a violência sobre o seu corpo; de outro, registra-se uma valorização romântica da prostituição como território livre do desejo, capaz de restituir à sociedade o equilíbrio perdido com a extrema racionalização e higienização da vida social. Entre as duas posições polarizadas, certamente há um grande número de controvérsias que, no entanto, não serão aqui consideradas.

II. Em busca da história

Diante dessa polarização das interpretações, o recurso à história dos imaginários sociais e culturais construídos no passado sobre a prostituição parece indicar possíveis rastros que auxiliam a compreender a nossa atualidade. Independente de julgamentos morais afirmativos ou negativos, proponho aqui perguntar pelos diferentes sen-

tidos que a prostituição recebeu no passado e que impregnam direta ou indiretamente nosso presente.

Desde a década de 1980, vários trabalhos históricos mostraram como se produziu a estigmatização das prostitutas, vistas como biologicamente inferiores às «mulheres honestas», ou como *degeneradas-natas* pelos discursos do poder médico e jurídico, na esteira de Alexandre Parent-Duchâtelet e de Cesare Lombroso, numa condenação moral radical em relação aos prazeres sexuais ilícitos (Engel, 1989; Rago, 1991; Soares, 1992; Guy, 1994; Benatti, 1997; Mújica, 2001; Leme, 2005).

A título de ilustração, apresento o «mapa classificatório» das prostitutas do Rio de Janeiro criado, em 1872, pelo dr. Francisco Ferraz de Macedo, que se referencia, em grande parte, pelas taxonomias inventadas pelo médico francês Parent-Duchâtelet, que refletia, por sua vez, sobre o fenômeno da prostituição na Paris dos inícios do século XIX:

A partir dessas classificações, o poder médico definia um perfil da prostituta como figura da degenerescência, exagerada, extravagante, irracional, incapaz de raciocínio lógico, preguiçosa, falsa, perversa,

	1a. classe das difíceis	2o. gênero das prostitutas «trabalhadoras»	floristas modistas costureiras vendedoras de charutos figurantes de teatro comparsas, etc.
PROSTITUIÇÃO PÚBLICA		2o. gênero das prostitutas «ociosas»	isoladas em casas aristocráticas reunidas em hotéis aristocráticos
	2a. classe das fáceis	Prostitutas	de colégios de sobrados de estalagens, bordéis, etc.
	3a. classe das facilímas	Prostitutas	Inferiores reformadas ou gastas vivendo em zungus amancebadas

PROSTITUIÇÃO CLANDESTINA

1a. classe	Mulheres	Em boas condições	viúvas casadas divorciadas solteiras
		Em más condições	livres libertas escravas, etc.
		Práticas Antifísicas de mulheres	doutrinas lesbianas coito contra a natureza onanismo
2a. Classe	Sodomia ou prostituição masculina		pederastas, ativo, passivos, mixtos, onanismo (MACEDO apud RAGO, 1985, p. 88)

avessa à maternidade, entre outros atributos misóginos, derivados de sua conformação biológica. A ponte estava cientificamente construída para a sua eliminação da esfera dos negócios e da política, assim como para a produção do estigma da «mulher pública», radicalmente oposta ao homem público.

Impulsionada pelas discussões sobre a sexualidade de Michel Foucault e pelos estudos feministas, a história da prostituição ganhou pesquisas pioneiras, como as de Alain Corbin (1978) e Judith Walkowitz (1980). Esses trabalhos denunciaram as teorias da degenerescência, responsáveis por construir as prostitutas como figuras degeneradas, o que equivale a dizer sem qualquer direito à cidadania, além de serem responsabilizadas pela própria existência da prostituição. Evidenciavam a «vontade de poder» constitutiva dos saberes científicos, pretensamente objetivos e neutros, que, com base na sexualidade, instituía rígidamente hierarquias e sofisticadas formas de exclusão ao demarcar na população, os racionais e os irracionais, os «normais» e os «anormais» (Foucault, 1976).

Contudo, as pesquisas históricas também deram visibilidade a

discursos que valorizaram e fantasiaram positivamente o universo do submundo, não apenas produzidos em livros de memórias de antigos boêmios, mas em romances escritos por mulheres das camadas médias e altas. Pouco se falou ainda, a respeito do imaginário sexual feminino e mais especificamente, do imaginário feminino a respeito da prostituição, que, de algum modo, parece assomar na fala inicialmente citada de Gabriela. Não por acaso, ela adota esse nome luminoso no Brasil, apropriando-se da bela e sensual personagem do romance de Jorge Amado, *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado inicialmente em 1958, transformado em filme e traduzido em inúmeros países (Amado, 1995). Nascida Otilia, em São Paulo, ela opta por uma nova identidade ao abandonar o curso de Sociologia, na Universidade de São Paulo e entrar para a prostituição, no início dos anos setenta, como afirma em sua autobiografia (Leite, 1992, p. 5). Assume, a partir de então, o nome de Gabriela, associando-se a uma das figuras mais famosas da literatura brasileira, que «*encarna miticamente a ânsia de independência e liberdade sexual da mulher*», como lembra Goldstein (2003, p. 163), exalando a exuberância, os cheiros e as cortes fortes da Bahia.

Em que pese tratar-se de um discurso político de valorização da prostituição pela líder do movimento das «profissionais do sexo», nele ecoam as narrativas daquelas que, no passado, enunciaram suas próprias interpretações da sexualidade, enfatizando a dimensão da liberdade e do prazer femininos. Raras vezes, é claro, já que o sexo e mais ainda a prostituição eram, até poucas décadas atrás, temas estritamente masculinos, sobretudo no mundo das elites, e já que também, há pouco tempo atrás, as próprias prostitutas jamais poderiam expressar-se publicamente em debates ou programas de televisão, apresentando suas reivindicações, necessidades, problemas e interpretações. As condições de possibilidade para essa emergência não estavam dadas até a década de 1970, isto é, num tempo em que a própria expressão «mulher pública» tinha uma conotação absolutamente negativa. Desde que o feminismo abriu espaço para o reconhecimento público da palavra feminina, porém, outras interpretações ganharam visibilidade e em relação à prostituição, as próprias prostitutas se fizeram ouvir, contrariando as imagens tradicionais de irracionais ou de vítimas.

Não é novidade dizer que a entrada das mulheres na vida pública e social, desde os inícios da industrialização e da urbanização

foi acompanhada pela emergência de discursos moralizantes, construídos especialmente pela ciência, pela Igreja e pelos governantes, que condenavam os territórios marginais e a figura da mulher envolvida no comércio sexual do corpo. Regulamentos municipais definiram que o bairro dos «amores ilícitos» deveria localizar-se distante dos residenciais, a fim de que os/as jovens não fossem afetados/as por cenas escandalosas, ou pelo que pudesse despertar o desejo. Leituras consideradas pornográficas, assim como filmes e peças teatrais deveriam ser proibidos aos jovens, percebidos como incapazes de discernir os bons costumes. Enfim, foi grande a preocupação com a moralidade social e as estratégias promovidas para o saneamento moral da vida, nas grandes cidades. Ao mesmo tempo, a literatura atesta que a prostituição também foi vivida como lugar da desterritorialização desejante e da fruição dos prazeres, como espaço de encontro e da festa, a partir de onde formas modernas de sociabilidade e comportamento se difundiram para toda a sociedade (Perlongher, 1987; Maffesoli, 1984).

Um dos romances que melhor apresenta a interpretação da prostituição como abertura para o ingresso nos tempos modernos, no Brasil é *Macunaíma*, do modernista Mário de Andrade, publicado em 1928 (Andrade, 1981). Aqui, ela é dramatizada como porta de entrada, ou melhor, como porta dos fundos da Modernidade, ao revelar as dimensões perversas do progresso, do crescimento econômico desigual e da modernização tecnológica. As prostitutas estrangeiras, em especial as «francesas» e as «polacas» tornaram-se figuras atraentes, bastante conhecidas no imaginário social por sua função civilizadora, isto é, como introdutoras de novas regras de civilidade e de novos hábitos importados dos países europeus mais adiantados. Num momento em que se vivia a transição do mundo rural, monarquista e escravocrata, percebido como decadente e atrasado, para o mundo urbano, republicano e baseado no trabalho livre, essas mulheres foram valorizadas como fascinantes mercadorias de luxo, portadoras do progresso e do novo (Morse, 1970; Rago, 1991).

Macunaíma, anti-herói nacional, é um homem da natureza, como os nossos antigos habitantes, sem nenhum caráter, que se diverte incansavelmente *brincando com as cunhãs*, ou meretrizes, que, por sua vez, divertem-se e deliram o tempo todo. Proveniente do mato, seu ingresso na civilização, sua entrada na agitada cidade de São Paulo, seu contato repentino com o mundo barulhento das máquinas

se faz por meio de três lindas e alvas *cunhãs*, com quem ele passa a noite e para quem paga quatrocentos *bangarotes*.

A inteligência do herói estava muito perturbada. As cunhãs rindo tinham ensinado pra ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncos esturros não eram nada disso não, eram mas cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina (Andrade, 1981, p. 32).

Assim, são as prostitutas que fazem a passagem do herói nacional do reino da Natureza para o da Civilização, da terra tropical verdejante para o mundo industrial, a mercantilização do sexo sendo a primeira relação capitalista que vive o anti-herói. Por meio do mundo da prostituição, acreditava-se entrar no compasso da História, absorvendo e consumindo estilos de vida, costumes, práticas e mercadorias européias, profundamente mistificadas.

Um outro romance do período, *Madame Pomméry*, publicado em 1919, por Hilário Tácito, pseudônimo de José Maria de Toledo Malta, engenheiro responsável pela construção de um dos mais importantes prédios da cidade de São Paulo, o Edifício Martinelli, focaliza centralmente o tema da modernização da cidade, a partir das transformações no mundo da prostituição (Tácito, 1997).

Madame Pomméry é o nome de uma experiente cafetina estrangeira que, desembarcando em São Paulo, em 1912, proveniente dos grandes centros europeus, espanta-se com o tremendo atraso da vida sexual e do mundo boêmio, em contraste com a profunda modernização por que passava a cidade. Enquanto as ruas estavam sendo asfaltadas, as praças remodeladas, o Teatro Municipal construído, novos bares, cafés-concertos, restaurantes e teatros sendo abertos ao público, a *juventude dorée* continuava sem opções para construir referências sexuais modernas. Assim, ela decide instalar um bordel de luxo na cidade, –o *Paradis Retrouvé*–, com o apoio financeiro de um poderoso coronel. Nesse novo espaço, as antigas bebidas nacionais, como a cerveja, consideradas de nível social inferior, seriam substituídas pelas bebidas estrangeiras, como «champanhe»² e whiskys de boa qualidade.

A urbanização e a modernização da cidade de São Paulo, entre

os anos de 1910 e 1920 são focalizadas nas páginas do romance, que, ao mesmo tempo, satiriza o provincianismo dos homens da elite, ansiosos por copiarem os padrões europeus de sociabilidade. Alguns pesquisadores sugerem que o *Paradis Retrouvé* se refere a um famoso bordel existente no centro comercial de São Paulo, o *Palais de Cristal*, situado à Rua Amador Bueno, no.10, de propriedade de uma cafetina conhecida como Madame Sanchez. Seja como for, o romance permite perceber a emergência de uma nova forma de sensibilidade, marcada pela valorização das mercadorias francesas e inglesas, pela mimetização dos costumes e hábitos estrangeiros, assim como das práticas sociais e sexuais consideradas modernas. Como diz ironicamente o autor:

Longe estava o tempo em que as cortesãs, por mais de alto bordo que fossem, não se mostravam em público, em São Paulo, a não ser no isolamento das de sua classe; perto da vista, mas apartada de todos comércio civil pela barreira do anátema que as extremava da Família. (...) Agora estavam as coisas diferentes, desde que se operava a reabilitação do mundanismo, graças ao esforço inteligente de Mme Pomméry (Tácito, 1997, p. 122).

Lembrando os memorialistas que observam e descrevem o cotidiano da cidade de São Paulo, frequentar os bordéis, cabarês, cafés-concertos e teatros, cercando-se de uma figura feminina, ou da conhecida «rabo-de-saia» passou a ser uma prática masculina comum, cuja memória se encontra, ainda, nos relatos transmitidos oralmente pelas gerações mais velhas. Nos bordéis de luxo e nos cabarês grãfinos, além do mais, artistas, intelectuais, médicos, delegados de polícia, advogados e outros boêmios reuniam-se para negociações políticas, como se lembram os brasileiros com mais de 70 e 80 anos de idade, para conversar simplesmente, ouvir música, cear, acompanhados das «francesas», a exemplo do que se fazia ou do que se imaginava fazer nas sociedades mais avançadas. Referindo-se a uma *pensão de artistas* que costumava frequentar, o memorialista Paulo Duarte afirma:

Ceávamos ou aí muitos ficavam para dormir, e essas noitadas eram deu uma alegria perfeitamente sã. Apesar desse não ser o julgamento das famílias recatadas a cujo conhecimento chegavam ecos longínquos desses serões boêmios. O que realmente fazíamos era comer bem, sempre com um vinho bom, fosse ele francês, alemão. Suíço ou italiano, fazer piada e até discutir os nossos autores prediletos (Duarte, 1975, p. 122).

2. Vale lembrar que a *champagne Pomméry* ainda existe e pode ser encontrado nas grandes casas comerciais de bebidas.

O público masculino entusiasmava-se com as novidades modernas de lazer. Danças orientais eram apresentadas em alguns cafés-concertos, como o *Moulin-Rouge*, que, por volta de 1907, anunciava a presença de dançarinas trazidas do Egito, ou ainda o *Eden-Theatre*, que revelava outra dançarina oriental, Sar Phará, exibindo-se à moda hindu, isto é *deixando a descoberto o colo, os braços e o ventre*. Como narra o memorialista Cícero Marques, na primeira apresentação de *strip-tease*, conhecido como «nu artístico», no *Cassino Paulista*, a nudez era completa:

Era um deslavadado nu avivado pelo auxílio de fortísimos refletores elétricos, que mais e mais realçavam as formas abrigadas até à entrada da ribalta, por um manto de veludo negro que à boca da cena lhe caía, imitando Irinéia, quando, certa vez, se apresentou nua, no esplendor de sua beleza, aos juízes do Areópago (Marquez, 1944, p. 36).

O jornalista Sílvio Floreal, em seu livro *Ronda da Meia-Noite*, de 1925, registra a proliferação de cabarés e *rendez-vous* pela cidade, destacando os novos perfis urbanos que transitavam nos *desfiladeiros da volúpia*:

Multiplicavam-se também os alcouces, onde se açoitam as vendedoras de «frisson», com um «menu» variado e exquisito, apto a satisfazer as mais extremadas exigências gustativas do «Coronel» mais sornia que tiver a patetice de por lá aparecer (Floreal, 1925, p. 12).

Tornaram-se famosos os inúmeros bordéis que adotavam nomes parisienses como o «*Palais Elegant*», onde se promoviam «grandes noitadas», segundo Cícero Marques; a «*Pension Royale*», o «*Palais de Cristal*», de Madame Sanchez, o «*Hotel Paris*», ou o «*Maxim's*», pensão de Salvadora Guerrero, cenário do romance de Armando Caiuby, *O Mistério do Cabaré*, de 1931.

Também ficaram conhecidos os *cabarets* de luxo, localizados na periferia da cidade, como o «*Salomé*», no bairro de Santana. Mistura de bar, bordel e restaurante, todo atapetado, no *cabaret*, dançava-se, havia shows com músicos profissionais das orquestras e jogavam-se cartas. Conhecedora do cotidiano do submundo, Madame Odette, -octogenária francesa por ocasião da realização de nossas entrevistas, em 1989-, afirmou, quando lhe perguntei sobre os cabarés dos anos vinte em São Paulo:

Salomé, que havia lá no alto da Cantareira, o Auberge de Marianne, uma francesa que tinha montado (casa) lá na rua Sete de Abril, mais ou menos por volta de 1929/1930. Mas era uma coisa boa, havia coisas boas

antigamente. Nas boîtes, agora, todas as mulheres vão procurar freguês... (apud Rago, 1991, p. 100).

III. Fantasmas da prostituição

É claro que nem todos admiravam e ambicionavam frequentar o universo da prostituição. Por mais curiosidade que sentissem, os códigos morais e sociais, assim como os «fantasmas» construídos em torno desse mundo desconhecido afastavam um número relativamente grande de homens e, sobretudo, de mulheres. Os jornais publicavam notícias alarmistas, em que descreviam casos de suicídio e assassinato por amor, em meio a disputas em orgias sexuais e consumo de drogas. O progresso era vivido também em sua dimensão perversa e destruidora, nesse imaginário social. Noticiando uma batida policial no *Palais Élegant*, o jornal *Correio Paulistano*, de 29 de maio de 1896, descrevia a vida do bordel, em tom de evidente censura:

Mulheres e homens, as mais desbragadas e os mais corruptos juntam-se, em orgias pavorosas, dançam can-cans infernais, trauteiam canções livres, garganteiam melodias de bordel. É a sede superior dos roleteiros e das meretrizes, o que quer dizer, da corrupção e viciamento dos costumes sociais, dos laços de família e sobretudo é a perdição da mocidade, cujas energias se gastam em vigílias desonradas. (...) A proprietária do «Palais», a bela mestra do castigo em São Paulo, foi intimada a comparecer à polícia e será processada como cafetina (...). (Correio Paulistano, 29/05/1896).

Décadas depois, as mesmas imagens corrosivas da prostituição, associada ao consumo da droga, à degeneração dos costumes e à destruição da juventude eram veiculadas nos artigos dos jornais. Segundo o *Jornal do Comércio*, de 30 de setembro de 1921: *Nos «cabarets» e nas pensões alegres, raparigas pervertidas incitavam os nossos jovens na embriaguez, pela morfina ou trivalerina, pela cocaína e seus derivados...*

Situada no último degrau da decadência feminina, a prostituta era responsabilizada pela existência de jovens viciados, já que se considerava que a grande maioria delas ingeria amplas doses de droga, muito embora nem a Delegacia de Costumes, nem o Serviço Sanitário dispusessem de estatísticas oficiais para referendar essas suposições. E assim, as «mulheres alegres» eram novamente culpabilizadas pela existência da prostituição, dos desvios sexuais e da difusão das drogas.

Nesse contexto, as elites dirigentes procuravam definir formas rígidas de controle do submundo. Para além das constantes «batidas policiais», da repressão e perseguição física às prostitutas, mas nunca aos clientes, o delegado Cândido Motta decreta o primeiro «Regulamento Provisório da Polícia de Costumes», em 1896, visando disciplinar os comportamentos *escandalosos* das meretrizes. Distribuído a 220 mulheres residentes na zona do baixo meretrício paulistano, no centro comercial da cidade, determinava:

a) que não são permitidos os hotéis ou conventilhos, podendo as mulheres públicas viver unicamente em domicílio particular, em número nunca excedente a três;

b) as janelas de suas casas deverão ser guarnecidas, por dentro, de cortinas duplas e, por fora, de persianas;

c) Não é permitido chamar ou provocar os transeuntes por gestos ou palavras e entabular conversações com os mesmos;

d) das 6 hs da tarde às 6 hs da manhã nos meses de Abril e Setembro, inclusiva, e das 7hs da tarde às 7 hs da manhã nos demais, deverão ter as persianas fechadas, de modo aos transeuntes não devassarem o interior das casas, não lhes sendo permitido conservarem-se às portas.»

e) deverão guardar toda decência no trajar uma vez que se apresentem às janelas ou saíam à rua, para o que deverão usar de vestuários que resguardem completamente o corpo e o busto.

f) nos teatros e divertimentos públicos que frequentarem deverão guardar todo o recato, não lhes sendo permitido entabular conversação com homens nos corredores ou nos lugares que possam ser observados pelo público (Motta apud Rago, 1991 P.112-115).

O poder público procurava, deste modo, limitar qualquer expressão autônoma das prostitutas, controlando minuciosamente não apenas a aparência feminina, mas ainda os horários e os espaços de visibilidade social permitidos. Contudo, se hoje é impossível termos uma estatística a respeito dos frequentadores dos bordéis e dos cabarês do período, sabemos que a prostituição era aceita socialmente enquanto espaço destinado aos homens, mas jamais para as mulheres e moças consideradas «honestas» e «normais».

Ao contrário do que se observa hoje, a maior visibilidade feminina no espaço urbano, entre as décadas de 1890 e 1930, levou a uma rígida codificação da vida cotidiana das mulheres e à problematização dos parâmetros referenciais de moralidade para ambos os gêneros. Pela primeira vez, nossas avós e bisavós libertavam-se das missas

e do convívio fechado nas grandes e pequenas propriedades de terra em que viviam, passando a frequentar cafés, restaurantes, salões, cinemas e teatros, que proliferavam na cidade. Instituir rígidos códigos morais de conduta, visando definir claramente as barreiras simbólicas entre os espaços sociais da «jovem de família» e os da meretriz tornava-se preocupação crescente para vários setores da sociedade, de médicos a feministas e militantes políticos, que agitavam os meios culturais e operários.

Em quase todos os números da *Revista Feminina*, publicada entre 1914 e 1936, por Virgílica de Souza Salles, de tradicional família paulista, ao lado das discussões sobre o feminismo e o lugar social da mulher, apareciam artigos moralizadores, que buscavam definir as regras de comportamento da boa esposa e da boa mãe, tal como se vêem nos títulos dos artigos: «Como a esposa consegue dar felicidade ao seu marido», (cuidando «para que todos os objetos estejam em seus lugares, para que o marido encontre à mão tudo o que necessita para seus arranjos»); *Qualidades práticas da esposa*, «Qualidades morais da esposa», «A missão da mulher», «O decálogo da esposa», em que se afirmava logo de início: «1. Ama seu esposo acima de tudo, na terra...».

Ao contrário da família extensiva do mundo rural, em que se observava o difícil convívio das fazendeiras com as escravas concubinas do senhor de terra e como toda uma população flutuante, constituía-se a família higiênica, excluindo todos aqueles que não figurassem no núcleo formado pelo pai, mãe e filhos. A arquitetura das casas construídas na cidade de São Paulo, desde as primeiras décadas do século, dos casarões da burguesia na Avenida Paulista e no bairro de Higienópolis, às habitações operárias financiadas pelos industriais, como a Vila Maria Zélia, no Belenzinho revelam a tentativa da distribuição higiênica e confortável dos espaços da intimidade e uma nova concepção das relações sociais e familiares. Do mesmo modo, a definição dos espaços da prostituição para a periferia, ou para longe dos bairros residenciais atesta o desejo de desodorização do espaço urbano, especialmente por parte das elites (Rago, 1985, cap. IV).

Temas como virgindade, casamento e maternidade passaram a circular mais constantemente nos meios preocupados com a formação do caráter da mulher, enquanto a prostituição passou a ser construída como um fantasma, ameaçando a moralidade de todas. A preocupação em delimitar claramente os lugares permitidos para a circulação das jovens de família, distantes das meretrizes acentuou-se, embora

não tenha sido rigidamente cumprida, já que ambos os grupos frequentavam as mesmas confeitarias, restaurantes e teatros, às vezes, alternando os horários. Ao mesmo tempo, diversificavam-se e expandiam-se as novas formas de consumo da cultura sexual e erótica.

É nesse contexto que a figura moderna da Lulu, ou da «mulher fatal», poderosa, ousada, sensual, destruidora da civilização e dos homens adquire destaque. No campo da arte e da literatura, o sucesso de Salomé, Circe, Thaís revela as fantasias masculinas sobre a sexualidade, mas também o medo diante de uma profunda transformação das práticas sexuais. Maquínica, arrasadora e fatal, Salomé continua famosa nos anos vinte, competindo com as *vamps* do cinema norte-americano, como Theda Bara ou Louise Brooks.

Em vários momentos, a figura da *femme fatale* aparece confundida com a prostituta, evidenciando a mobilização de uma forte imagem da sexualidade excêntrica da mulher, nesse momento de redefinição e modernização dos códigos normativos de conduta (Rago, 2008, p. 227). É o caso das narrativas jornalísticas que registram o trágico acidente envolvendo a jovem cortesã Nenê Romano, imigrante italiana e o advogado Moacyr Pisa, conhecido membro da elite paulistana, que se suicida logo depois de assassiná-la. Tudo se passa no ano de 1923, como notícia o jornal *O Combate*, em 26 de outubro:

Matou-se Moacyr Pisa, o brilhante, o audaz, o valoroso escritor que todo São Paulo admirava. Matou-se depois de Ter matado Nenê Romano, a mulher fatal, que tinha um rosto de anjo e uma alma perversa.

No dia seguinte, o mesmo jornal continua:

Nenê Romano, essa «beleza funesta», a figura mais completa do novo cenário da mulher fatal que surgiu do nada e que triunfou devido à benignidade da natureza que a presenteou com um rosto e uma rara perfeição estética (...) era também muitíssimo conhecida nos ambientes onde a gente se divertia na doida esperança de esquecer uma mágoa que atordoa ou de ganhar um pouco de repouso pelo trabalho de todo o dia.

Das notícias dos jornais ao romance que Gastão Goulart publica em 1928, intitulado *Nenê Romano*, a mesma imagem da «mulher fatal» associada à figura da prostituta jovem e poderosa é contraposta à do homem trabalhador e honesto, que, um dia, se vê arrastado por forças naturais superiores à sua vontade, materializadas na figura de uma linda, porém, perversa «mulher da vida».

Reforçando e explorando a construção dessas imagens amea-

çadoras, o importante jornal *Correio Paulistano*, ainda no ano de 1923, destacava com alarde: «*Mais uma vítima da cocaína - Mulher Fatal - A morte de Moço no Imperial Hotel*»:

Cocainômana contumaz, Edith Moniz é uma dessas venenosas e fatais flores da orgia, que arrastam para o abismo da perdição e da morte os rapazes incautos que tão facilmente se deixam levar na vertigem dos pecados «chics» e das abominações elegantes. Horácio Martins devia ser mais uma vítima da mulher demoníaca.

Máquina, fêmea artificial, expressão do mal, a prostituta identificada à figura da mulher fatal revela a profunda ligação estabelecida entre a sexualidade, o prazer e a morte. Polarizada entre o bem e o mal, entre o anjo e o demônio, a prostituta, em especial, a cortesã de luxo passa a simbolizar a mulher que, independente do controle racional masculino, entrega-se aos prazeres do corpo, dominando e destruindo os homens das famílias pobres ou ricas. No entanto, destruidora como Lulu, acaba ela mesmo sendo consumida, não por *Jack, o Estripador*, mas pelas próprias forças malignas que o seu desejo sádico e mórbido desencadeia.

IV. Prazeres e territórios desejantes

A construção desse imaginário sexual não impediu o crescimento e a diversificação das práticas da prostituição. Revistas, objetos, roupas, filmes e vídeos, observa-se uma constante incitação aos prazeres sexuais, em nossa sociedade. Ao contrário do que se acreditou, o capitalismo liberou a sexualidade, desconfinando o desejo e multiplicando as suas formas de manifestação. Por mais questionável que o mundo da prostituição possa parecer, não há como negar a força com que se mantém e renova, absorvendo um contingente cada vez maior de mulheres e homens, de várias idades e etnias. O que, paradoxalmente, não significa que mudou substancialmente a difícil relação estabelecida com o prazer e o sexo.

Há certamente o aspecto econômico da questão, pois constituía-se um mercado de oferta e consumo em torno do prazer. Não é também mera coincidência que os espaços dos «amores ilícitos» cresciam justamente no centro comercial e financeiro da cidade. A prostituição transformava-se numa atividade muito luerativa, que exigia cada vez maiores investimentos. As prostitutas profissionalizavam-se com o crescimento urbano-industrial, constituindo um mercado

de trabalho disputado, tal como aparece nos relatos de um importante jornalista do período, responsável pela investigação do chamado «tráfico das brancas» (Trochon, 2006). Ao final de suas reportagens, Albert Londres concluía que 90% das meretrizes traficadas da Europa Oriental para a América do Sul, sobretudo para Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, haviam vindo por vontade própria e não forçadas por gangues de proxenetas. Afinal, enxergavam na prostituição uma atividade lucrativa que lhes permitiria ascender financeira e socialmente (Londres, 1927).

Na direção desta reflexão, é interessante ainda observar as diferenças de gênero que informam as representações da prostituição, na literatura feminina e masculina dos anos vinte. Nos romances escritos por mulheres do período, como *Vertigem*, de Laura Villares, publicado em 1926, ou *Virgindade Inútil e Anti-higiênica*, de 1927, de Ercília Nogueira Cobra, —aliás não disponíveis em arquivos públicos, ao contrário dos romances masculinos—, a prostituição aparece enquanto espaço de libertação física e moral da mulher, linha de fuga por onde podem constituir novos territórios afetivos e dar vazão aos instintos libidinais reprimidos na vida conjugal, ou em sua ausência (Villares, 1926; Cobra, 1927). Mais do que o adultério, a prostituição significa, nesse imaginário feminino, a possibilidade de dispor-se livremente ao acaso dos encontros regidos pela troca no mercado, de vivenciar a vertigem da aventura no desconhecido campo da sexualidade e de experimentar o êxtase que a ausência de vínculos anteriores proporcionaria.

Nesses dois romances citados, as heroínas não adoecem, não morrem no desenlace final, não se tornam desgraçadas, nem se regeneram no campo, como ocorre nos romances masculinos, a exemplo de *Lucíola*, de José de Alencar (1862) e *Naná*, de Émile Zola (1880). Ao contrário, oriundas de famílias pobres do interior de São Paulo, recusadas pelos namorados por falta de dote, terminam ricas e felizes em Paris, a primeira como mãe independente e solteira; a outra, casada com um velho protetor. A prostituição permite-lhes não apenas ascender socialmente, como «civilizar-se», isto é, conhecer e adquirir os hábitos e costumes da sociedade rica, já que ambas provêm de meios pobres das pequenas cidadezinhas do interior. Podem, ainda, expandir suas fronteiras geográficas, ao viajar para diferentes países, ao mesmo tempo em que ampliam o universo simbólico e emocional,

realizando-se sexualmente. Como refletia a prostituta Cláudia, no romance *Virgindade Inútil e Anti-higiênica*:

Ao menos como prostituta, vivia. Perdia aos poucos a alma estraçalhada pelo desgosto moral, mas vivia. Sua carne, se não conhecia ainda o amor, o estremeçamento divino de um beijo apaixonado, já gozava momentos de volúpia que não eram de desprezar (Cobra, 1927, p. 79).

Ao contrário da leitura masculina da prostituição, esses romances femininos constroem um universo erotizado, saturado de energias pulsionais, explosão de fluxos desejan-tes. O bordel é a contrapartida do universo higienizado e asséptico das relações conjugais e maternas, que essas mulheres desdenham. Aliás, se o amor não é privilegiado no discurso das cortesãs, objetivas e calculistas, o casamento também não constitui uma meta.

Um dos aspectos mais interessantes que se observa em *Vertigem* é a sensualidade das figuras femininas, especialmente da personagem central. Órfã, Luz parte para a cidade grande em busca de trabalho, estudo e posição social. Instala-se numa pensão, no centro da cidade de São Paulo, onde conhece uma prostituta francesa que a desperta para vida social e sexual da metrópole moderna. Ambas passeiam juntas pelas ruas da cidade, compram roupas nas costureiras bem providas das modas parisienses, tomam chá no *Mappin Store*, conhecido local frequentado pelas «famílias de bem», no período. Observando a amiga experiente, Luz passa a descobrir e a sentir os efeitos da explosão sexual, desencadeada pelo contato físico com um enamorado:

Ébria de volúpia, inconsciente, ela mesma tomara-lhe as mãos e as pusera voluptuosamente em contato com os seios sensíveis, erizados, doloridos, e gemendo baixinho, abandonava-se a doce pressão deixando-se arrastar pelo impulso do instinto (Villares, 1926, p. 125).

Vale notar o quanto a incorporação da categoria de gênero nos estudos históricos contribui para perceber as diferentes representações sociais da sexualidade, da vida boêmia e dos prazeres, que se constituem na Modernidade brasileira. Se para os homens, o mundo da prostituição representou uma porta aberta para o universo elegante das elites européias, para a participação social em uma esfera pública moderna em construção, para o consumo das formas de lazer e de vida importadas, inclusive a sexual, simbolizado na figura da prostituta francesa, ao mesmo tempo foi revestido por imagens negativas da patologia, da anormalidade e do vício. Sobretudo no

que se refere à figura feminina, marcada violentamente enquanto perigosa, ameaçadora, excêntrica e fatal. O mundo da prostituição, afinal, abria-se exclusivamente para o benefício dos homens, absorvendo perversamente as mulheres, consideradas, por sua vez, como monstruosas.

Já para elas, e sem querer generalizar, a produção literária e as entrevistas orais realizadas com antigas prostitutas, ao contrário do que se poderia supor, revelam a construção de inúmeras fantasias sexuais positivas e eróticas, envolvendo esse universo. Território da liberação do desejo, espaço de uma esfuziante e moderna sociabilidade, o submundo dos «amores ilícitos» é projetado como linha de fuga para os vãos da imaginação feminina. Talvez, por ser o seu principal espaço proibido. Por outro lado, no momento atual, é uma profunda conhecedora do meio, intelectualizada e líder política, quem enuncia: *podia ser uma coisa mais bonita, poderia ser uma brincadeira, uma outra história...*

RESUMEN

Este artículo intenta problematizar la prostitución, contraponiendo diferentes percepciones vigentes en la actualidad, mostrando cómo surgen, en cierta medida, posiciones formuladas en el pasado. Toma como referencia histórica al Brasil en la actualidad y a la ciudad de San Pablo, en los inicios del siglo XX, en que se vive el fuerte impacto de la modernización, de la urbanización y de la constitución de una nueva sensibilidad. Evidencia, de un lado, discursos que insisten en la necesidad del combate radical a la prostitución, a partir de concepciones que satanizan a las prostitutas como amenazas al orden social, o como figuras para ser eliminadas; se pregunta si no actualizan, de ese modo, los argumentos morales y las concepciones religiosas de los médicos, juristas y criminólogos del siglo XIX, en su ansia de gobernar la ciudad, determinar las relaciones de género, regir los comportamientos y definir los códigos de la sexualidad. Por otra parte, focaliza prácticas discursivas que defiende la legalización de la comercialización sexual del propio cuerpo, entendiendo a la prostitución como un territorio deseado, como espacio de la liberación de las fantasías sexuales. Muestra cómo retoman narrativas eróticas literarias, en especial, las mostradas a romances femeninos del pasado, que apuestan a la potencia subversiva del deseo, proyectando

imágenes románticas sobre un mundo de placeres, en general, cerrado y prohibido para las propias autoras.

Palabras clave: prostitución - feminismo - territorios - violencia de género - códigos sexuales.

SUMMARY

This article intends to reflect on prostitution, confronting different perceptions today widely spread, and showing how this perceptions echo, to a certain extent, diverging positions formulated in the past. The historical reference is nowadays Brazil, and especially San Paolo city, where at the beginning of XXI century, the development of modernization and urbanization and the constitution of a new sensitivity produce major impact. This analysis evinces discourses insisting on the need of a bitter struggle against prostitution, founded on conceptions that demonize prostitutes and depict them as a threat against the social order. It also wonders whether this discourses thus actualize the moral statements and religious beliefs of nineteenth century medicins, lawyers and criminologists, who were prone to govern the cities, determine genders' relationship, rule the social behaviour and define the sexuality codes. On the other hand, this article focuses on the discourses that defend the legalization of the sexual commerce of each one's own body, considering prostitution as the territory of desire and liberation of sexual fantasy. In this sense, it shows how these discourses retake the erotic literary narrative, especially those of female novel of the past, which enhance the subversive power of desire, projecting romantic images about a world of pleasures generally banned and deprived to the female authors.

Key words: prostitution - feminism - territory - gender violence - sexual codes

BIBLIOGRAFÍA

- ALENCAR, Jose. *Luciola*. 12^a. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- ALVAREZ, Marcos César. «O homem delinquente e o social naturalizado: apontamentos para uma história da criminologia no Brasil» *Teoria e Pesquisa*, revista da UFSCAR, jul/dez. de 2005, p. 47-71.
- AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 76^a. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- ANDRADE, Mário. *Macumaima. O herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora. 1981, 18^a. ed.
- BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens. Prostituição e vida boêmia em Londrina, 1930-1960*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- COBRA, Ercilia Nogueira. *Virgindade Inútil e Anti-higiênica*. São Paulo, s/ed., 1927.
- CORBIN, Alain. *Les Filles de Noce. Misère Sexuelle et Prostitution à Paris au XIXe siècle*. Paris: Aubier, 1978.
- . *L'Harmonie des Plaisirs. Les manières de jour du siècle des Lumières à l'avènement de la sexologie*. Paris: Perrin, 2008.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DUARTE, Paulo. *Memórias*. Vol. 1, São Paulo: Hucitec, 1975.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FLOREAL, Sílvio. *Ronda da Meia-Noite*. São Paulo: Cupolo, 1925.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade. Vol. 1 A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1976.
- GOLDSTEIN, Ilana S. *O Brasil best seller de Jorge Amado. Literatura e Identidade Nacional*. São Paulo: SENAC, 2003.
- GUY, Donna. *El sexo peligroso. La prostitución legal em Buenos Aires. 1875-1955*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1994.
- LEITE, Gabriela. *Silva. Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- . *Filha, Mãe, Avo e Puta*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, no prelo.
- LEME, Edson Holtz. *Noites Ilícitas. Histórias e memórias da prostituição*. Londrina: EDUEL, 2005.
- LONDRES, Albert. *Le Chemin de Buenos Aires*. Paris: Albin Michel, 1927.
- MACEDO, Francisco Ferraz. *Da Prostituição em Geral e em Particular em Relação a Cidade do Rio de Janeiro*. PhD thesis, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1873, apud RAGO, 1985, p. 88.
- MAFFESOLI, Michel. «La prostitution comme forme de socialité», *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Vol. LXXXVI, 1984.
- MARQUES, Cicero. *De Pastora a Rainha*. São Paulo: Ed. da Rádio Panamericana, 1944.
- MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

- MOTTA, Cândido. «Prostituição. Polícia de Costumes. Lenocínio». Relatório apresentado ao Ex. Dr. Chefe de Polícia, São Paulo, 1897.
- MUJICA, María Luisa. *Sexo bajo control. La prostitución reglamentada. Rosario entre 1900 y 1912*. Rosario: UNR Editora, 2001.
- PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Mochê. A prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991; 2^a. ed. 2008.
- . *Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- SOARES L. C. *Rameiras, Ilhoas, Polacas...: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992.
- TACITO, Hilário. *Madame Pomméry*. São Paulo: Biblioteca da Academia Paulista de Letras, 1977.
- TROCHON, Ivette. *Las rutas de Eros. La trata de blancas en el Atlántico Sur: Argentina, Brasil y Uruguay (1880-1932)*. Montevideo: Taurus, 2006.
- VILLARES, Laura. *Vertigem*. São Paulo: Ed. Antonio Tisi, 1926.
- WALKOWITZ, Judith. *Prostitution and Victorian Society: Women, Class and the State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- ZOLA, Emile. *Naná*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

ÍNDICE

- ¿CIUDADANOS DE CUAL REPUBLICA? LOS EXTRANJEROS Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA CIUDADANÍA NACIONAL EN CENTRO-AMÉRICA, 1823 - 1845.
Jordana Dym 11
- LOS CENTROS SOCIALES JUDÍOS "CONSERVADORES" DURANTE LA DICTADURA. CONSENSO SOCIAL Y COMPORTAMIENTOS FRENTE AL TERRORISMO DE ESTADO.
Laura Shequer 59
- ENTREVISTA A HUGO VEZZETTI
Luciano Alonso 77

DOSSIER: PROSTITUCIÓN E HISTORIA

- A MODO DE PRESENTACION
María Luisa Múgica 97
- SEXO-SEN EL LUPANAR
UN DOCUMENTO FOTOGRAFICO
Dora Barrancos / Ricardo Ceppi 123
- PROSTITUCION EN ROSARIO:
UN ANALISIS HISTORICO SOBRE UN NUEVO/VIEJO PROBLEMA
María Luisa Múgica 155
- LA VIDA EN LA VENTANA:
PROSTITUCION Y POLICÍA EN EL RIO DE JANEIRO REPUBLICANO
Cristina Schettini 181
- OS SENTIDOS DA PROSTITUÇÃO NA MODERNIDADE BRASILEIRA
Margareth Rago 209

ITINERARIOS
ANUARIO DEL CEEMI Año 3 / N° 3 / 2009

Procesado gráfico integral

UNR EDITORA

Editorial de la Universidad Nacional de Rosario
Urquiza 2050 - (S2000AOB) Rosario - Santa Fe
República Argentina

Edición de 300 ejemplares

DICIEMBRE 2009